

O FUNDAMENTALISMO

José Luiz Gonzaga do Prado

Resumo

Partindo de um fato corriqueiro, o artigo aponta para o absurdo da leitura fundamentalista ingênua. Logo em seguida aborda o fundamentalismo intencional e perverso, que se serve da interpretação ingênua e literal da Escritura para justificar preconceitos sociais, raciais e nacionais, guerras, fabricação e comercialização de armas e degradação do meio ambiente. Para conduzir ao entendimento do fundamentalismo ingênuo, que não deixa de ser radical e absolutista, o artigo percorre a história da interpretação da Sagrada Escritura desde as releituras encontradas na mesma Escritura, passando pelos Santos Padres, pela Reforma e Contrarreforma e chegando ao Iluminismo e ao estabelecimento do método histórico-crítico, com as reações e consequências que provocou. A mais grave reação foi a oficialização dos cinco princípios fundamentais que têm como alicerce a interpretação literal unívoca e absoluta. O fundamentalismo não admite método algum de interpretação nem os condicionamentos humanos dos autores. É uma busca de segurança em meio ao conflito das interpretações. Salva-se apenas a importância dada ao texto.

Palavras-chave: *Fundamentalismo ingênuo. Fundamentalismo perverso. Absolutismo. “Verdades divinas”. Método histórico-crítico.*

Abstract

Starting from a trivial event this article aims the nonsense of an ingenuous fundamentalist biblical reading. Directly after, the article approaches the intentional and perverse fundamentalism that uses this ingenuous and literal interpretation of the Scripture to justify social, race and nationality prejudices, war and weapons manufacture and traffic and environment degradation. To lead the understanding of ingenuous fundamentalism, always radical and absolutist, this article goes through the history of the Holy Scripture interpretation, from the new reading founded in self Holy Scripture passing by the Fathers of the Church, Reformation and Counter Reformation and coming to illumination and settlement of historical criticism method with the reactions

and consequences He excited. The most serious consequence He excited was the settlement of the Five Fundamentals that have as support the literal, univocal and absolute interpretation. Fundamentalism doesn't acknowledge every method interpretation neither the author's human conditioning. He is a search of security in the middle of the conflict of interpretations. Only the importance given to the text is preserved.

Keywords: *Ingenuous fundamentalism. Perverse fundamentalism. Absolutism. "Divine Trues". Critical-historic method.*

O homem não ria. Não sabia rir. Era sério mesmo e jamais descia ao lamaçal do humor. Estava em uma pequena roda de trocas de ideias, quando chega mais um dizendo que fora à rodoviária enviar uma encomenda urgente quando ouviu esta: “Com uma chuvarada dessas, na estrada para lá não está passando nem tatu calçado de chuteiras”! Todos riram, menos ele. Esgotado o riso, perguntou: “Quem vai calçar chuteiras no tatu”?

É a ingenuidade do fundamentalismo. O fundamentalista não tem e não admite humor, não tem malícia, não admite sentido duplo, triplo ou mais. Não entende uma metáfora¹, uma comparação, nem o significado de uma afirmação absurda ou irreal.

Como quem perguntou quem vai calçar chuteiras no tatu, o fundamentalista pergunta também quem vai passar o camelo pelo fundo da agulha. E o pior é que responde: transforma *kámēlos*, camelo, em *kamilos*, corda de amarrar barcos, ou faz da agulha um portão estreito e baixo (que ninguém jamais viu) nas muralhas da cidade. Tem que achar uma explicação, Jesus não pode falar um absurdo desses! Esse é o fundamentalismo ingênuo.

Ou nem tão ingênuo. O Ir. João da Silva Resende em suas palestras para grupos populares de reflexão bíblica costuma fazer uma dinâmica que ilustra bem o que é o fundamentalismo. Convida um dos participantes a aceitar a “brincadeira”. Manda que ele baixe ao máximo os ombros e a cabeça e coloca-lhe na nuca uma Bíblia. Diz, então: “Pobres sempre tereis convosco”, está na Bíblia! “Mulher não pode cortar o cabelo nem usar roupa de homem” etc. Depois de manter a vítima por um bom tempo de cabeça e ombros abaixados e ouvindo citações literais e isoladas da Bíblia, pergunta-lhe o que está vendo e a resposta é “o chão”. Em seguida, coloca a Bíblia no chão, pergunta se ele a está vendo e, aos poucos, vai

1. Uma das propostas da Bíblia na Linguagem de Hoje é a desmetaforização, tirar as metáforas. Inconscientemente isso é uma tendência fundamentalista ou, pelo menos, é admitir que o leitor seja fundamentalista, incapaz de perceber o significado de uma metáfora. E aborta possíveis significados outros.

lhe aproximando a Bíblia dos olhos até que ele a tome nas mãos, comece a ler e, espontaneamente, levante a cabeça.

1. A serventia do fundamentalismo

Há, pois, o fundamentalismo perverso, fundamentalismo intencional, para justificar ou “fundamentar” comportamentos rígidos e modos de agir totalitários a partir de princípios religiosos.

Fundamentalismo não é, então, apenas a interpretação literal de uma expressão verbal, é uma atitude que, a partir da literalidade, justifica todo e qualquer absolutismo e radicalismo. A motivação religiosa é o suporte mais adequado para essa atitude. Daí o fundamentalismo “ecumênico” evangélico-católico, o fundamentalismo islâmico, o fundamentalismo judaico, o hinduísta e outros².

Antonio Spadaro e Marcelo Figueiroa, o primeiro, Padre Jesuíta e o outro, Pastor Presbiteriano, responsáveis pela edição argentina do *Ossevatore Romano*, escreveram a quatro mãos artigo publicado na *Civiltá Cattolica* de julho de 2017 sobre o fundamentalismo evangélico e a direita católica integrista. Moisés Sbardelotto traduziu o artigo para o Instituto Humanitas Unisinos³.

É o fundamentalismo perverso. Segundo o artigo, ele “tem as suas origens nos anos 1910-1915. Naquela época, um milionário do sul da Califórnia, Lyman Stewart, publicou 12 volumes intitulados “Os Fundamentos” (*Fundamentals*). Ele reduzia a fé evangélica aos aspectos do comportamento moral, coletivo e individual. Vários expoentes políticos norte-americanos, inclusive os Presidentes Ronald Reagan⁴ e George W. Bush foram seus admiradores.

Para os seguidores desse autor e de outros do mesmo pensamento, os Estados Unidos são a nação abençoada por Deus, a maior economia do mundo por causa de sua fidelidade literal à Bíblia. Consequência, como dizia Bush ao invadir o Iraque, “nós somos do lado do bem”, os que questionam, criticam ou se opõem às propostas dos Estados Unidos “são do lado do mal”, o diabo!

A interpretação literal e fora do contexto literário e histórico é utilizada para justificar as guerras, as armas, sua fabricação e comercialização. O criacionismo fundamentalista ingênuo serve para justificar a destruição da natureza a partir da ordem de dominar a terra (Gn 1,26-28). Daí as colocações do Presidente Trump

2. Cf. DIAS DA SILVA, C.M. *Metodologia de exegese bíblica*. 2. ed. São Paulo, Paulinas, 2000, p. 219.

3. Acessível em <http://www.ihu.unisinos.br/569668-fundamentalismo-evangelico-e-integralismo-catolico-um-ecumenismo-surpreendente>.

4. Pensar na contribuição “ecumênica” de R. Reagan e João Paulo II no desmonte da União Soviética.

ignorando ou até combatendo a preocupação com o aquecimento global. Se isso provocar a catástrofe final da humanidade, não faz mal, “Jesus está voltando”, “o fim está próximo” mesmo.

“E a comunidade dos fiéis, da fé (*faith*), torna-se a comunidade dos combatentes, da batalha (*fight*)”. Os inimigos atuais a serem combatidos são escolhidos (os muçulmanos, os comunistas, os ambientalistas, os negros, o candomblé etc.) a partir de leitura fundamentalista de textos bíblicos isolados.

2. O fundamentalismo ingênuo

O fundamentalismo ingênuo é instrumentalizado pelo fundamentalismo perverso a fim de justificar e dar ares religiosos à pretensão de domínio e supremacia de uns seres humanos sobre outros, ao abandono de toda a ética, à exploração econômica, com o descarte dos mais frágeis, e aos princípios do extremado liberalismo econômico e do mais catastrófico capitalismo. Daí a importância de nosso estudo sobre a leitura fundamentalista da Bíblia.

O fundamentalismo bíblico ingênuo não é um método, antes, é a negação de qualquer método. Não é uma abordagem que admite outras abordagens e segue métodos sérios e comprovados, é uma leitura, uma maneira de ler⁵.

3. Um pouco de história da interpretação bíblica

3.1 A Escritura interpreta a Escritura

O texto da Pontifícia Comissão Bíblica (PCB), *A interpretação da Bíblia na Igreja*, a partir da p. 105, mostra um pouco como a Escritura frequentemente faz releitura da Escritura, interpreta ou reinterpreta alguma passagem.

Assim, a terra prometida a Abraão e sua descendência (Gn 15,7.18) passa por várias releituras até chegar a ser a “herança eterna” (Hb 9,15). O oráculo do profeta Natã prometendo a Davi uma casa, ou a permanência do poder real na sua família, é inúmeras vezes lembrado em toda a Bíblia, tomando características cada vez mais amplas a ponto de ser visto como o domínio da humanidade sobre toda a natureza expresso em Gn 1,28.

Vários outros exemplos se encontram no documento da PCB. Observando as citações à margem na Bíblia de Jerusalém ou em notas de rodapé em outras boas edições da Bíblia podemos identificar muitos outros casos de releituras ou de interpretação da Bíblia pela própria Bíblia.

5. Cf. FITZMYER, I.A. *A Bíblia na Igreja*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 65-66.

3.2 *O Segundo Testamento espelha-se no Primeiro*

O ponto de partida da fé cristã, diz Paulo na Primeira aos Coríntios (15,3-5), é que “Cristo morreu por nossos pecados *segundo as Escrituras*. Foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia *segundo as Escrituras*”.

Além das inúmeras e nem sempre adequadas citações da Escritura no Evangelho de Mateus, o Evangelho de Lucas e os Atos dos Apóstolos insistem em que “o Cristo devia sofrer para entrar em sua glória”. Com esse verbo “devia” ou deve (em grego *dei*) sugere a necessidade de realização das Escrituras. É preciso (*dei*) porque Jesus é quem dá sentido pleno às Escrituras do Primeiro Testamento.

Os quatro poemas ou cânticos do Servo de Javé no livro de Isaías (capítulos 42, 49, 50 e 52-53) parecem uma roupa grande demais para o personagem que o autor tenha conhecido. Essa roupa só foi servir para Jesus. Por outro lado, são esses cânticos ou poemas que nos fazem entender melhor o significado da morte do Senhor⁶. Sem o Primeiro Testamento, o Segundo não seria plenamente entendido, sem o Segundo, o Primeiro cairia no vazio.

3.3 *Os Pais da Igreja*

Nos primeiros séculos do cristianismo os autores comentavam o Primeiro Testamento sempre à luz do Segundo ou vice-versa. Na Carta a Proba, por exemplo, Agostinho comenta os pedidos do Pai-nosso com citações dos Salmos e de outras passagens do Primeiro Testamento.

Havia duas linhas principais de interpretação, a alegórica e a tipológica. A interpretação alegórica via em cada afirmação ou em cada detalhe de uma narrativa o símbolo de uma realidade superior ou mais atual. Assim faz o mesmo Agostinho no sermão sobre os pastores. O “leite das ovelhas” de que fala Ezequiel é o sustento que o mau pastor exige receber do povo, a “lã” são as honrarias, homenagens etc.

A interpretação tipológica via o episódio – digamos – do Primeiro Testamento como um modelo, um padrão ou paradigma do que acontece hoje. É o que já fazia Paulo ao dizer em 1Cor 10,11, referindo-se a acontecimentos do Êxodo como eram lidos no seu tempo: *Isso aconteceu-lhes em figuras e foi escrito para nos chamar à atenção, a nós que chegamos aos tempos do fim*.

6. Isso, sem esquecer o que disse Dona Júlia durante uma homilia (conversa) na sua comunidade: “Nem que vivesse mais duzentos anos, a gente terminaria de entender o significado da morte de Jesus”.

3.4 *Pinturas e imagens, a Bíblia dos analfabetos*

Crescia rapidamente o número dos que adotavam a fé em Jesus como messias e salvador da humanidade e, a partir do momento em que o cristianismo, de religião ilícita ou proibida, passou a ser a religião oficial do Império, explodiu o número dos cristãos. Os moradores da zona rural, das aldeias ou pagos, os pagãos, em grande número se fizeram batizar. Não havia como familiarizá-los rapidamente com as Escrituras Sagradas. As pinturas e as imagens eram, então, a “Bíblia dos analfabetos”.

Mais adiante, o grego e o latim, línguas em que se poderia ler a Bíblia, eram línguas cada vez menos conhecidas, suplantadas pelas línguas modernas. O conhecimento das Escrituras tornou-se, aos poucos, coisa de uma elite cada vez menor. Com a ignorância das Escrituras Sagradas cresceu também o desconhecimento de Jesus Cristo e, no espaço vazio, as devoções se multiplicaram. E, enquanto as devoções e práticas religiosas se multiplicavam, a Bíblia ficou esquecida na vida da Igreja Católica.

3.5 *A Reforma e a idolatria da Escritura*

A reação veio forte com a Reforma protestante. Se a Bíblia estava praticamente esquecida e abandonada, agora passou a ser a única fonte da Palavra de Deus, *Sola Scriptura*. Como única fonte, a Bíblia tornou-se absoluta, ocupou o lugar de Deus, conduziu a uma idolatria: só a Bíblia resolve, a Bíblia resolve tudo.

A consequência prática mais importante para o nosso caso é que a verdade da Bíblia passou a ser a verdade histórica e científica, todas as perguntas e todos os tipos de perguntas encontrariam as respostas definitivas na Bíblia. Essa linha de pensamento veio a justificar mais tarde o fundamentalismo.

3.6 *A Contrarreforma*

A Contrarreforma, a partir do Concílio de Trento, proibiu o acesso dos católicos à Escritura. Quem desejasse ler a Bíblia tinha de pedir licença por escrito ao próprio Bispo. E só poderia lê-la no latim da Vulgata, pois era proibida a tradução para as línguas modernas e o acesso às línguas originais era também proibido ao fiel comum. O conhecimento das Escrituras Sagradas era, então, apenas de ouvir falar uma ou outra frase totalmente fora do seu contexto e, muitas vezes, apenas uma interpretação de segunda ou terceira mão. E isso era tido como infalível e irretocável. Basta lembrar a “leitura” que se fazia do Apocalipse.

3.7 O Iluminismo, uma nova mentalidade: ou é científico ou não existe

O século das luzes não só despertou para a necessidade de procedimentos e métodos cientificamente válidos de interpretação de textos antigos, o que incluía a Bíblia, mas criou também uma nova mentalidade: tudo deve ter um caráter científico. Ou é científico ou não existe. Isso, ao lado do absolutismo da *Sola Scriptura*, veio a dar um caráter científico à literalidade, mais uma janela para o fundamentalismo.

O grande impacto provocado pelo Iluminismo na interpretação das Sagradas Escrituras, entretanto, foi o despertar dos métodos científicos de exegese e, em consequência, a demolição da interpretação ingênua e literal. O método histórico-crítico, indispensável para a compreensão de qualquer texto antigo, seria também indispensável no estudo da Bíblia. Vários conceitos tidos até então como “dogmas”, como a autoria mosaica do Pentateuco, foram caindo um depois do outro.

Entretanto o método histórico-crítico na interpretação da Escritura não foi um produto simplesmente do século XIX. O padre Richard Simon⁷, que viveu entre 1638 e 1712, embora violentamente combatido ou intencionalmente ignorado em sua época, já defendia uma leitura crítica da história do Antigo Testamento e questionava a autoria mosaica do Pentateuco. Foi, porém, marginalizado e ficou esquecido.

3.8 O escândalo e as reações

Agora, era do Iluminismo, é preciso examinar e considerar tudo do ponto de vista científico. Agora a Bíblia é apenas um livro antigo, escrito por várias mãos e diferentes mentalidades, durante mais de mil anos. Tem que ser cotejada com o conhecimento que temos da *história* e tem de ser *criticada* histórica, textual e literariamente para se descobrirem as várias mãos e os diferentes modos de pensar que influíram em cada parte e no todo do escrito. Daí o método *histórico-crítico*.

E a fé? – A fé que vê a Escritura como ditada por Deus, palavra por palavra, completa, unívoca, perfeita e infalível como Deus, atrapalha essa crítica literária e histórica. Deve ser posta de lado e até mesmo excluída, respondiam os fautores do novo método de interpretação da Bíblia. Será preciso deixar de lado a fé para podermos entender a Bíblia. Isso escandalizou católicos e protestantes.

A reação católica começou com Leão XIII, em abril de 1893. Ele publicou a Encíclica *Providentissimus Deus*, na qual diz que se podem usar os recursos da ciência moderna, a crítica histórica e literária, na interpretação da Bíblia, mas com muito cuidado para não prejudicar a fé.

7. STEINMANN, J. *Richard Simon et les Origines de l'Exegèse Biblique*. Paris: Desclée de Brower, 1960.

Cinquenta anos depois, a reação da Igreja diante do método histórico-crítico voltou a se manifestar na Encíclica de Pio XII *Divino afflante Spiritu*. As circunstâncias já eram outras e crescia a busca de uma leitura “espiritual” para escapar dos problemas levantados pelos novos métodos de interpretação. Pio XII deu forte destaque aos gêneros literários que a leitura “espiritual” fundamentalista teimava em ignorar.

Agora, cem anos depois de Leão XIII, o Documento da Pontifícia Comissão Bíblica que o Papa João Paulo II apresentou oficialmente diz que, na interpretação da Bíblia, *não se pode deixar de utilizar* um método científico e sério como o histórico-crítico.

4. A oficialização do fundamentalismo

A reação do protestantismo conservador aos novos métodos que surgiam foi instaurar o *fundamentalismo*. Eles estabeleceram, num congresso realizado em Niágara, Estado de Nova York (EUA), em 1905, os cinco princípios fundamentais (daí o nome fundamentalismo) para a interpretação da Bíblia. O primeiro desses princípios é o da interpretação literal, ao pé da letra, como se diz, de cada palavra do texto da Bíblia. Os outros quatro são: 2) A divindade de Cristo, 3) seu nascimento virginal, 4) a Redenção como satisfação vicária (Jesus morreu em nosso lugar) e 5) a ressurreição (futura e física) da carne.

1. A interpretação rigorosamente literal já levanta inúmeras questões: interpretação literal de que texto? Do texto hebraico, aramaico ou grego? Onde encontrar o texto completa e incontestavelmente original? Ou o texto sacrossanto é o de alguma tradução?⁸

E nossos textos “originais” – apesar do esmero com que foram copiados ao longo dos séculos, não têm erros? Não encontramos aí inúmeras variantes? Não são necessários critérios para se buscar o texto que mais se aproxima do original?

2. A divindade de Cristo é um dos princípios fundamentais que melhor solucionam os problemas na interpretação ingênua e literal do Novo Testamento. Jesus é Deus, tudo lhe é possível e está tudo resolvido. Não é por menos que o Documento da Pontifícia Comissão Bíblica afirma mais de uma vez que o fundamentalista nega a realidade da encarnação, nega que Jesus seja gente como nós, que tenha fome, sede, sono, cansaço, desânimo, raiva, indignação; por outro lado,

8. Sabemos, por exemplo, que a tradução, ou paráfrase, intitulada “A Bíblia na linguagem de hoje”, teve de ser patrocinada pela Sociedade Bíblica Internacional, porque dentro da Sociedade Bíblica do Brasil não foi possível um acordo para a edição dessa Bíblia. A SBB abriga, entre as diversas denominações evangélicas, forte maioria de denominações fundamentalistas, para as quais o texto da Bíblia é o de João Ferreira de Almeida.

ternura, carinho, compaixão, condescendência, que se possa também enganar ou ignorar, por exemplo, qual dos discípulos poderia ser um traidor.

3. O nascimento virginal de Jesus é literalmente incontestável, porque é afirmado com clareza pelos evangelistas Mateus e Lucas, não importando que, com isso, os evangelistas estejam querendo destacar a especial filiação divina de Jesus como Messias.

4. A redenção vicária (Jesus morreu no nosso lugar) é uma explicação simples e fácil para o significado redentor da morte de Jesus, apesar ou talvez até por causa do seu sabor mágico. Ele sofreu o castigo que nós merecíamos por nossos pecados e, segundo autores e oradores famosos como Lacordaire, em nosso lugar sofreu na cruz as penas do inferno, especialmente a principal, a pena do dano, do afastamento de Deus: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste”? – assim interpretado.

5. A ressurreição da carne por ocasião da segunda vinda de Jesus é outro tema caro aos fundamentalistas. Basta notar o quanto insistem na proximidade da parusia. Essa proximidade dispensa inclusive o cuidado com o meio ambiente. Não é preciso se preocupar, o mundo vai acabar logo.

Um texto divulgado há alguns anos por um grupo que fazia questão de se identificar como católico, apostólico romano marcava as datas para o final dos tempos, a revelação do anticristo seria dia 11 de fevereiro de 2012; e o Papa, então Bento XVI, iria se esconder em diversos países, inclusive no Brasil etc. A terceira guerra mundial e a catástrofe final viriam logo em seguida. Tudo comprovado com citações da Escritura.

5. Erros do fundamentalismo segundo o Documento da PCB

O fundamentalismo é *primário, ingênuo, exclui todo esforço de interpretação, não admite plurivocidade*. Primário, porque entende as palavras pelo que significam à primeira vista, de acordo com os conceitos e modos de falar da cultura do leitor de hoje. Assim, as palavras do rei de Sodoma a Abraão em Gn 14,21: “Entrega-me as pessoas e fica com os bens”, entendido a partir do latim *da mihi animas, cetera tolle*, já foi, inclusive, tomado como lema: “dá-me as almas e leva o restante”, “as almas” vistas num sentido platônico, da filosofia grega ou de um espiritualismo cristão e não no entendimento da linguagem semita, pessoas vivas.

O fundamentalismo é ingênuo, faz de São Pedro o porteiro do céu e até mesmo o controlador das chuvas e das secas. Exclui todo esforço de interpretação, toma a frase solta e não busca, nem mesmo, observar o contexto. Assim não vê que Jesus, quando diz a Pedro “dou-te as chaves do Reino dos Céus”, continua “tudo o que ligares (ou desligares) na terra”.

Não admite plurivocidade, não admite que as palavras ou as frases tenham mais de um significado, tudo é unívoco, cada vocábulo tendo o significado que a maioria lhe dá hoje. É incapaz de entender uma disparidade cultural, um sentido figurado, uma metáfora, uma parábola ou uma alegoria e, menos ainda, uma afirmação intencionalmente ambígua. O Apocalipse de João com sua plurissímbia explícita é, ao mesmo tempo, a atração e o pavor do fundamentalista. Como entender que as sete cabeças do dragão sejam ao mesmo tempo as sete colinas e sete imperadores? Como pode a mesma mulher ser a comunidade cristã, o Israel antigo, Eva e Maria ao mesmo tempo? Como as duas testemunhas podem ser Moisés e Elias e, ao mesmo tempo, Josué e Zorobabel e também Pedro e Paulo? Como pode a Grande Cidade (Roma) ser onde o Senhor deles foi crucificado?

Não aceita os métodos de interpretação

Para o fundamentalista qualquer tentativa de explicação ou entendimento mais sério de um texto é uma fuga do significado único e unívoco, é fugir do entendimento literal. Não admite, portanto, a crítica textual, perguntar se o texto é mesmo aquele, se não teria havido algum erro ou engano na transmissão do texto.

Perguntar, então, das circunstâncias em que foi escrito o texto (o pré-texto) e como o entenderam os primeiros leitores, nem pensar. Para o fundamentalista é crime hediondo buscar entender um texto bíblico a partir de sua estrutura literária e, pior ainda, a partir das figuras, como personagens, lugares, tempos etc., seus trajetos e valores temáticos ou significados. A força de um texto se esgota na sua literalidade. O restante fica perdido.

Não aceita os condicionamentos dos autores humanos

Para a leitura fundamentalista, autor da Bíblia é Deus e nada mais a perguntar. Não admite discrepâncias de ideias e de narrativas. Não aceita, por exemplo, que alguns textos do Primeiro Testamento como a oração de Ezequias (Is 38,18-19) e alguns salmos digam que com a morte termina tudo para o ser humano e “os mortos não louvam a Deus”, ao contrário daquilo que é ensinamento básico do cristianismo e se lê fartamente na literatura apocalíptica e em tantos lugares do Novo Testamento.

O fundamentalista não entende como Deus poderia se “submeter” às circunstâncias concretas vividas pelos autores humanos como cultura, limitação de conhecimentos, problemas das comunidades em que viviam e para as quais escrevem, oportunidade do seu escrito e também limitações dos primeiros leitores.

Prefere, então, não ver que as histórias da infância de Jesus em Mateus e em Lucas, assim como tantas outras narrativas paralelas em ambos os testamentos, são totalmente diferentes e não há como conciliá-las. Prefere não ver os fatos para não aceitar a única justificativa, os diferentes condicionamentos humanos.

Está enraizada numa ideologia que não é bíblica

A leitura fundamentalista tem suas raízes numa visão mágica de Deus e da Escritura, como se um escrito de Deus, perfeição absoluta, não admitisse diversidade de pensamentos e de detalhes históricos, que são inegáveis em toda a Bíblia.

Tudo completo, tudo perfeito, um pensamento só, uma informação única, só existe na cabeça dos fundamentalistas, não na Bíblia. Quanto ao pensamento ou à doutrina, basta lembrar o que já dissemos sobre a vida depois da morte. Quanto aos detalhes históricos, o mesmo Lucas, no livro dos Atos dos Apóstolos, diz que a ascensão de Jesus aconteceu quarenta dias depois da ressurreição e, no capítulo 24 do seu Evangelho, diz que o fato se deu no mesmo dia da ressurreição.

A mentalidade do fundamentalista não é a mesma do evangelista ou de qualquer outro autor da Bíblia que não se interessam pela exatidão histórica nem pela uniformidade doutrinal.

O fundamentalismo é monofisista, não aceita a humanidade da Escritura

Da mesma maneira como insiste na divindade de Cristo a ponto de sufocar ou não dar espaço para a sua humanidade, assim também a leitura fundamentalista, insistindo na inspiração divina das Escrituras, ignora ou recusa-se a aceitar todos os condicionamentos humanos pelos quais passa a palavra de Deus escrita.

Não aceita os erros e limitações humanas da Escritura assim como não admite as fraquezas e limitações humanas de Jesus, “menos o pecado”. Não admite que o texto atual tenha vindo de tradições orais diversas, diferentes e até opostas e que tenha passado por todo o tipo de peripécias humanas, mesmo por erros grosseiros, até chegar às nossas mãos.

Toma como histórico o que não tem pretensão de historicidade

Lê a Bíblia como se se tratasse de um inquérito policial, que, nem por isso, está isento de ser errôneo, incompleto e parcial, como tantas vezes acontece.

O Papa Bento XVI, na exortação pós-sinodal *Verbum Domini*, tem no n. 19 esta afirmação de excepcional importância: “Quando enfraquece em nós a consciência da inspiração, a gente corre o risco de ler a Escritura como objeto

de curiosidade histórica e não como obra do Espírito Santo, na qual podemos ouvir a voz do Senhor e conhecer a sua presença na história”. A pergunta, então, que devemos fazer à Bíblia não é se aconteceu mesmo ou como aconteceu; a pergunta correta é “o que essa narrativa diz para os primeiros leitores/ouvintes e para nós”.

Movida apenas pela curiosidade histórica, a leitura fundamentalista esvaízia o sentido religioso da Escritura, tira Deus para fora da Bíblia. Relatar um fato histórico com escrupulosa exatidão ou depor num inquérito policial jamais foi a intenção dos autores da Bíblia. Basta lembrar o que já dissemos sobre a ascensão do Senhor narrada duas vezes pelo mesmo autor, cada vez com detalhes totalmente diferentes.

A consequência mais grave disso é gastar a massa cinzenta do cérebro para buscar ou imaginar uma solução histórica para um episódio curioso ou historicamente incoerente, em vez de pensar no significado da narrativa.

Nas bodas de Caná, por exemplo, mais seiscentos litros de vinho, num casamento de aldeia, quando os convidados já estão embriagados é explicado com a hipótese de que as festas costumavam durar muitos dias. Não se fazem as perguntas sobre o significado das vazias talhas de pedra dos rituais judeus, do número seis, da oposição entre os que serviam e o mestre-sala, do encher as talhas de água que, então, se transforma em vinho etc. Quanta riqueza se perde!

O fundamentalismo toma como científico o que não pretende ser científico

Os redatores sacerdotais, por exemplo, que redigiram uma releitura dos mitos babilônicos da criação do universo, jamais pretenderam competir com Einstein e apresentar uma hipótese alternativa ao *big bang* para a criação do universo. É o que imaginam os fundamentalistas. E isso torna ridícula a própria Escritura. Mais ridículo ainda é tentar conciliar os “dias” da criação com etapas dos milhões de anos da evolução do universo. Com essa preocupação de “salvar a verdade da Bíblia” perdem-se os recados que, com o seu poema, o Sacerdotal dá para o seu tempo e para hoje.

A leitura fundamentalista ignora línguas e linguagens bíblicas

Já fizemos alusão ao fato de muitas denominações evangélicas fundamentalistas considerarem texto bíblico apenas a versão mais antiga de João Ferreira de Almeida, recusando-se a aceitar até mesmo a versão corrigida e atualizada. O mesmo se faz nos países de língua inglesa com a Bíblia chamada King James. É o medo do diferente, do ignorado, do questionável.

Mesmo sem chegar a esse extremo, o fundamentalista ignora a crítica textual, que pode trocar uma palavra da Bíblia⁹, ignora a história da redação e as análises semântica e literária, que vê como subterfúgios para escapar da interpretação literal.

Transfere para hoje ideias políticas e preconceitos sociais e racistas anti-evangélicos

Não faz muito tempo vimos um deputado evangélico opondo-se a um benefício social à população negra com a afirmação de que os africanos foram amaldiçoados por Deus na maldição de Noé ao seu filho Cam. Da mesma forma muitos outros preconceitos são justificados com palavras da Escritura.

A situação de inferioridade, submissão e dependência total da mulher com relação ao homem aparecem frequentemente na Bíblia, a ponto de mulheres e crianças serem tratadas como incapazes. A leitura fundamentalista transfere para hoje esses preconceitos, com suas consequências práticas.

Hoje está em evidência a questão da homossexualidade, também grande vítima da leitura fundamentalista que só vê o branco e o preto, o certo e o errado e mais nada. Está totalmente distante do Papa Francisco que diz: “Quem sou eu para julgar”. A leitura fundamentalista é a de alguém que apenas quer condenar e escolhe suas vítimas.

A leitura fundamentalista é antieclesial

Para o imaginário fundamentalista, a Bíblia é anterior à comunidade de fé: primeiro Deus escreveu a Bíblia, atrás dela veio a comunidade de fé. O contrário, porém, é mais correto: primeiro existiu a Igreja, uma comunidade de fé, que se expressou nos textos que, depois, vieram a formar a Bíblia. É por isso que o Documento da PCB diz que a leitura fundamentalista é antieclesial, procura ignorar as comunidades de fé que produziram os textos.

O documento diz explicitamente: “No que concerne aos evangelhos, o fundamentalismo não leva em consideração o crescimento da tradição evangélica, mas confunde ingenuamente o estágio final dessa tradição (o que os evangelistas escreveram) com o estágio inicial” (as ações e palavras do Jesus da história). Isso quer dizer: ignora a comunidade de fé e seu progresso no entendimento das palavras e ações de Jesus.

9. Por exemplo em 1Cor 12,3 em vez de “entregar meu corpo para *queimar*”, “entregar meu corpo (à escravidão) para me *gloriar*” ou em 1Ts 2,7 em vez de “nós nos tornamos *bondosos*”, “nós nos tornamos *crianças*”, como faz a Nova Vulgata.

6. As razões ou causas do fundamentalismo

Encontramos na literatura duas análises que procuram identificar as causas que geram o fundamentalismo. James Barr¹⁰ dá a entender que, para ele, a razão última do fundamentalismo é a insegurança, o medo de que as “verdades divinas” sejam colocadas em dúvida por uma exegese “modernista” ou “liberal”.

“A infalibilidade da Escritura, sendo uma relação *geral*, opera como nexó racional: uma vez conhecido como princípio geral que toda a Escritura é verdadeira e plenamente verdadeira, segue-se racionalmente que todas suas afirmações são verdadeiras, detalhe por detalhe. Inversamente, se um ponto qualquer da Escritura é posto em dúvida, isso põe em dúvida outro ponto; e este, por sua vez, derruba um terceiro e, ao final, não haverá segurança alguma a respeito de nada”.

Já Miklós Tomka vai mais fundo. Na mesma revista *Concilium*, fascículos 279-283, p. 144, ele diz: “No plano humano, o ponto de partida consiste em que a causa dos fundamentalismos, integrismos e sectarismos geralmente não se encontra no terreno da teoria, mas, sim, na esfera das relações humanas: na falta de amor na infância, nas perturbações das relações interpessoais, do não ser atualmente aceito, no isolamento humano, numa não satisfeita necessidade de amor”.

7. Influência do fundamentalismo

Existe hoje uma forte tendência ao fundamentalismo. A insegurança diante de um mundo que se transforma cada vez mais rapidamente, novas pesquisas, novas descobertas, comunicação cada vez mais rápida e mais superficial, tudo isso apavora e leva à busca das certezas antigas. O medo do futuro busca refúgio no passado.

Isso acontece não somente na área da interpretação bíblica. Veja, por exemplo, o ritualismo e a uniformidade que tomou conta das celebrações litúrgicas na Igreja Católica. Acham que é preciso voltar ao passado onde tudo era certo e definido. O medo de deixar livre alguma coisa, o que poderia fazer desmoronar tudo, fez voltar a mentalidade do ritual pós-tridentino de Pio V.

Somos todos fundamentalistas. Não é necessário que sejamos atraídos pela tentação de buscar na Escritura respostas para os problemas do dia a dia, abrindo a Bíblia ao acaso a fim de achar uma resposta, que “parece piedosa, mas é ilusória, um suicídio do pensamento”, como diz o Documento da PCB. Nas próprias traduções, notas e comentários de nossas bíblias encontramos com facilidade as pegadas do fundamentalismo.

10. *Concilium* 158, Vozes 1980, p. 87-93.

Uma delas é a preocupação de justificar ou tomar como infalível o dado histórico. Podem-se ver, por exemplo, as notas, comentários ou explicações que se dão ao jovem de Mc 14,51-52. Querem saber quem era ele, mas quantos se perguntam qual o significado dessa figura?

Vi um autor que tentava até diagnosticar que doença fez com que Bartimeu ficasse cego. Tentar descobrir o que aconteceu – olha aí a curiosidade histórica! –, seria o importante. O significado do episódio não interessa. E há mais, muito mais, basta observar.

Nas traduções, um fato curioso: A tradução do texto da Nova Vulgata para o Lecionário litúrgico deve ser aprovada por Roma. A tradução brasileira de 1Cor 12,3 foi fiel à Nova Vulgata. Dizia “entregar-me à escravidão para me gloriar”. O frade espanhol encarregado da revisão corrigiu para “entregar-me às chamas”. Uma distração fundamentalista.

A preposição *'epi* é a única que, nos textos do NT, ocorre em cada um dos três casos que rege, distinguindo, portanto, os significados de cada caso. Com o dativo significa “em cima de”, com o genitivo inclui a ideia de algo lateral ou parcial, enquanto que o acusativo implica alguma ideia de movimento. Em Jo 4,6 a preposição é empregada com o dativo, mas a maioria das traduções diz que Jesus se sentou “à beira do poço”, ignorando inclusive que o próprio texto distingue entre fonte ou mina *pēgē*, e poço ou cisterna *frear*. Como poderia o evangelista dizer que Jesus se sentou em cima da fonte?

No capítulo 6 do mesmo Evangelho o v. 19 diz que os discípulos viram Jesus caminhando *'epi tēs thalassēs*, a preposição com o genitivo que, portanto, deveria significar “à beira do mar”, costuma ser traduzida como “por cima do mar”. Isso acontece no episódio paralelo de Mateus, onde *'epi* é usada com o acusativo. Ideias preconcebidas fazem parte do fundamentalismo.

8. Valor do fundamentalismo

Miklós Tomka procura salvar os fundamentalistas. Aos que dizem que o fundamentalismo é uma atitude imatura, infantil, ele lembra (p. 144) que “sobre a fé das crianças Jesus disse coisas memoráveis...”. Diz também: “No plano básico não podemos evitar a denúncia do fundamentalismo, do integrismo e da formação de seitas (mesmo dentro da Igreja Católica) como encurtamentos do cristianismo... nos movimentos e grupos fundamentalistas existe muita abnegação e muita eclesialidade – embora erradamente utilizada...”.

Há, porém, um valor que se pode encontrar no fundamentalismo como tal, é a importância dada ao texto. Não se deve tentar fugir das incoerências narrativas

do texto buscando torná-lo mais claro, mas dando-lhe a minha interpretação. A incoerência narrativa é o mais importante sintoma de uma linguagem figurada.

Um exemplo: no final do episódio do cego de Betsaida (Mc 8,26) está literalmente: “e mandou-o para sua casa, dizendo: Mas não entre no povoado”! Jesus havia dado a mão ao cego para tirá-lo do povoado, onde supostamente morava, a fim de curá-lo. Como será possível que ele vá para casa sem entrar no povoado? A tentativa é corrigir, como fizeram alguns copistas. A incoerência deve fazer pensar no significado da casa e do povoado, especialmente este de Betsaida.

José Luiz Gonzaga do Prado
Rua Quinze de Novembro, 370
37860-000 Nova Resende, MG
zedadonana@gmail.com
www.bibliapovo.com.br

Bibliografia

- BARR, J. A compreensão fundamentalista da Escritura. *Concilium*/158: 1980/8.
- DIAS DA SILVA, C.M. *Metodologia de exegese Bíblica*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.
- DREHER, M.N. *Bíblia: Suas leituras e interpretações na história do cristianismo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- FITZMYER, J.A. *A Bíblia na Igreja*. São Paulo: Loyola, 1997.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1994.
- TOMKA M. Fundamentalismo, integrismo, seitas na Igreja. *Concilium*/279: 1999/1.